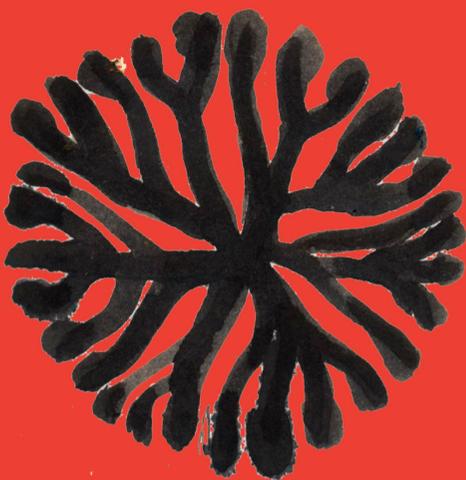


ZINE



TRAVESSIA

BANCA DE PUBLICAÇÕES

INTEGRA O EVENTO MULHERES NA TRAVESSA - TRAVESSIA

CURADORIA: LUIZA ROMÃO

ARTE DA CAPA: CAROLINA TEIXEIRA - ITZA

DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO: FÁBIA KARKLIN
2021

LUEJI

UMA MULHER. TAMBÉM SOU UMA MULHER.
UMA PESSOA, UM SER QUE BRINDA E BRINCA.
UMA ESTRELA. CADA PESSOA É UMA ESTRELA.
É SOMA, É EXPLOSÃO DE PARTÍCULAS AFETO.
QUEM VEIO ANTES, DURANTE.
QUEM VAI CHEGAR.
MUITO PRAZER, MEU NOME É LUEJI.
NÁDIA, CÉLIA, ESMERALDA, NAIR, CIATA, MARA
ZEZÉ, LUZIA, SOLANGE, ANTONIA, GEORGIA
SE ATÉ AS ESTRELAS TÊM SEUS QUILOMBOS
TRAGO AQUI MINHA CONSTELAÇÃO.
CADA TRAÇO CONTO.
DESENHO QUE CARREGO NO CORPO.
É RASTRO DE VIDA, É CORRIDA.
É TEMPO.
É UM ABRAÇO DE IRMÃ, DE AMOR
ABRAÇO MEU.
ABRAÇO É CASA E CASO BEM.
MEU NOME É LUEJI
E POSSO CHOVER.

CAROL

LUISA

UM CORPO

O TREM A OBRA DO VIZINHO A GUITARRA DO
OUTRO VIZINHO O FUNK DO OUTRO OUTRO
VIZINHO O COPO QUEBRANDO O OSSO ESTALANDO
O CANTO DO MOSQUITO O CIO DOS CÃES A
BRIGA DOS GATOS NARIZ FUNGANDO ALGUÉM
TOSSINDO ALGUÉM FALANDO SOZINHO

E UM CORPO, ESSE CORPO

A CAIR PELA TRIGÉSIMA VEZ

DO SEXTO ANDAR.

“ELAS MARCHAVAM SOB O SOL”

TRECHO

MORTAS PODEM SER AS PESSOAS, MORTAS PODEM SER IDEIAS E REVOLUÇÕES ENTERRADAS ÀS PRESSAS, ANTES QUE FLORESÇAM E MUDEM DEFINITIVAMENTE A ORDEM DAS COISAS.

MORTAS PODEM SER AS MULHERES, ENTERRADAS VIVAS PELO FATO DE NÃO SEREM VISTAS, QUANDO, DE FATO, ELAS SÃO OS PLANETAS, AS DEIDADES, O FUNDO DO MAR, TUDO O QUE É INCONTÁVEL OU IMPOSSÍVEL DE SE MEDIR.

UMA LENDA QUE TRAGO COMIGO: EM UM PASSADO REMOTO, HAVIA UMA VELHA, ELA VIVIA EM UM DESERTO E SOPRAVA OSSADAS QUE ENCONTRAVA PELO CAMINHO. HAVIA VELAS ACESAS NO INTERIOR DO SEU CORPO ANTIGO.

AO DESPEJAR SOBRE AS OSSADAS O CALOR DAS SUAS ENTRANHAS, A VELHA AS PREENCHIA COM CARNES E NARRATIVAS QUE DELINEAVAM FORMAS NADA CORRESPONDENTES ÀS NECESSIDADES DE CONSUMO DOS HOMENS.

DESERTOS SÃO OCEANOS EXTINTOS: OS ESQUELETOS SE TRANSFORMAVAM EM CONCHAS E SOMENTE DEPOIS SE TORNAVAM CORPOS. ESSE ERA O SEU PEQUENO MILAGRE.

ELA SEMPRE SE ASSOMBRAVA COM O ACÚMULO DE OSSOS SOBRE O CHÃO. EM POSIÇÕES VARIADAS, ERAM FAVORÁVEIS AO RECONHECIMENTO DE QUE HAVIAM PERTENCIDO A MULHERES.

A VELHA CAMINHAVA ENTRE ELES COMO QUEM NÃO QUER PISAR EM OVOS, ELA ERA UMA JARDINEIRA DE FLORES CALCIFICADAS. NAQUELE CANTEIRO SEM ÁGUA, HAVIA UM REGISTRO RARO E DIVERSIFICADO. A SECURA PODE CONTER GERMINAÇÕES E RETER TEMPORALIDADES, EMBORA SEJAMOS CONVENCIDOS A ACREDITAR NO CONTRÁRIO.

DIA A DIA, A VELHA REGAVA SUAS JOIAS INERTES COM O AR E O FOGO, COM UM PASSEAR RITMADO E UM CANTO QUE, DE TÃO ROUCO, PARECIA TER NASCIDO NO INÍCIO DO MUNDO. NAQUELE LUGAR EM QUE TODOS OS ACONTECIMENTOS SÃO IDEIAS NÃO PROJETADAS NA REALIDADE LINEAR, PÓLEN EM SUSPENSÃO, RAIOS DE SOL SEM PARADA FIXA.

ELA OBSERVAVA AS OSSADAS COMO SE AS ACARICIASSE. EXALAVA CHAMAS E RECONSTITUÍA O QUE ESTAVA PERDIDO — NÃO APENAS OS CORPOS, MAS A BELEZA OCEÂNICA DELES, AQUELA QUE ESTÁ CONTIDA NO MOVIMENTO E OS DEFINE NA AUSÊNCIA DE LIMITAÇÃO, NA GEOMETRIA DINÂMICA DAS ONDAS, NO CHEIRO DO SAL.

TRECHO DO ROMANCE “ELAS MARCHAVAM SOB O SOL”, DE CRISTINA JUDAR, LANÇADO PELA EDITORA DUBLINENSE.

CRISTINA

JUDAR

TRANÇA

QUANDO VIA SUA MÃE E SUAS TIAS
CORTANDO BURITI COM TERÇADO
PREPARANDO PALHA
JUNTANDO O QUEBRA-CABEÇA
COM DEDOS CALEJADOS
LUZIA NÃO VIA A HORA DE SER GRANDE

OS DEDOS DAS MATRIARCAS
CRUZANDO

EM CIMA

EMBAIXO

EM CIMA

EMBAIXO

EM CIMA

EMBAIXO

EM CIMA

EMBAIXO

LUZIA IMITAVA NOS CABELOS

À PORTA ELA ESPREITAVA
E NUM PISCAR DE OLHOS
DENTRO ESTAVA

LUZIA DORMIA
E LUZIA SONHAVA
EM SER UM DIA TECIDA

JAMILLE

ANAHA TA

CRÊNE-QUÉ

UM POUCO
DO QUE SOBROU
DE NÓS
RESISTE
EM MEU CABELO

QUANDO
ESTOU
NA CIDADE

PROCURO
NA ESCURIDÃO
DOS MEUS FIOS
ESCORRIDOS

A FORÇA
DAS MINHAS
ANCESTRAIS

E ENCONTRO
TODA VEZ
QUE ME OLHO
NO ESPELHO.

06

DEBORA

ARRUDA

IRENE

CONHECI IRENE PRIMEIRO NAS BOCAS – ERA MÃE ANTES DE SER MULHER. MÃE IRENE FOI ENVELHECIDA ÀS PRESSAS, TINHA FILHO PRA ESQUECER QUE TINHA FEITO. MINHA NOSSA SENHORA ACUDIA TODO FIM DE MÊS PARA NÃO VIRAR COM NECESSIDADE. E TODO ANO PODIA ESPERAR QUE CHEGAVA MAIS UM PEDINDO NOME. ERA GENTE RASPADA QUE NÃO ACABAVA MAIS, E A COISA NÃO LHE DAVA UM SOSSEGO. CHEGARAM A ME CONTAR QUE A COISA NÃO LHE DAVA UM SOSSEGO.

A LÍNGUA DO POVO É TÃO COMPRIDA QUE CHEGA NA INTIMIDADE.

EU, QUANDO VI IRENE, ADMIREI. CHEGOU EM MIM UMA MULHER TRONCO, SEM SORRISO, MÃO PESADA, DESSAS QUE DÃO ORDEM E A GENTE SE VIRA. IRENE ERA ELEGANTE E SÁBIA.

COLOQUEI IRENE NO MEU ALTAR PARTICULAR. OFERECI TRABALHOS, OFERENDAS, DEI FLORES, MOEDAS E CANTEI PRA ELA ALGUMAS VEZES. CHOREI FALANDO BAIXO, PEDINDO UM POUCO DE ESCUTA. FIQUEI COM VERGONHA DE PEDIR MUITA COISA E PASSEI A AGRADECER:

– OBRIGADA! VALEI-ME IRENE. ME SOCORRE.

IRENE TORNOU-SE MEU SEGREDO. CRIEI COLARES COM AS SUAS CORES FAVORITAS, ELEGI UM DIA DA SEMANA PRA SER SÓ DELA, E NESSE, PASSEI A EVITAR AS ESTAMPAS QUE NÃO ERAM DO SEU GOSTO. NO DIA DE IRENE, PASSEI A COBRIR MEUS CABELOS PARA SEGURÁ-LA NO PENSAMENTO, EVITAVA BRIGAR E DIZER PALAVRAS EM ALTO VOLUME.

IRENE TINHA QUE ESTAR FELIZ COMIGO.

COMPREI UMA ESTÁTUA DE IRENE, ENFEITEI DE PAPEL CREPOM E DESFILEI EM CORTEJO PELA CIDADE. PESSOAS PASSARAM A ME ACOMPANHAR NA DEVOÇÃO E EU EXPLICAVA COM RIGIDEZ A HISTÓRIA DE IRENE PARA QUE SOUBESSEM QUEM FORA AQUELA MULHER.

COM O TEMPO COMEÇARAM A ME DIZER QUE IRENE ERA A ÁGUA, ERA LUZ, ERA TERRA, ERA FENÔMENO DA NATUREZA. EU QUE SABIA ONDE A CONVERSA IRIA CHEGAR, TENTAVA NEGAR, DIZIA: – IRENE É MULHER, É GENTE QUE EXISTIU. MAS IRENE VIROU VAIDADE, VIROU DINHEIRO, VIROU GANÂNCIA...

ATÉ LEVARAM MINHA BONEQUINHA, ENFIARAM NO MUSEU. EU GRITEI E NINGUÉM DEU ASSUNTO. ANTES FIZERAM O DEMÔNIO DE IRENE, LOGO ELA QUE ERA NEGRA, QUE NÃO CULTUAVA O PECADO. COLOCARAM IRENE E O CRISTO NA MESMA SALADA. DERAM UM NOME DE SANTA PARA IRENE. TENTARAM DISFARÇAR A DESAPROVAÇÃO QUE TINHAM POR ELA. PINTARAM IRENE DE BRANCO E FINGIRAM DEMÊNCIA. AQUELA COISA TODA LÁ.

EU DEFENDI IRENE E A ESCONDI NO QUINTAL DE CASA. QUANDO A COISA MELHOROU, FIZ UM BARRACÃO E UM QUARTINHO PRA ELA. E MESMO ESCONDIDA, ERA UMA DELÍCIA DANÇAR NO CHÃO BATIDO PRA IRENE. DANÇÁVAMOS EU E MEUS FILHOS – GENTE QUE NEM EU – QUE SABIA DE IRENE.

IRENE ME CAVALGAVA DE REPENTE.

QUANDO IRENE CHEGAVA, SENTIA O MAR BRAVO DENTRO DE MIM. APAGAVA CONSCIENTE E ELA MONTAVA. DEPOIS DE TUDO, MOLHADA DE SUOR, ME SENTAVA NA CADEIRA COM A CARA ASSUSTADA, BEBIA ÁGUA E RESPIRAVA FUNDO MINHA IGNORÂNCIA: – EITA IRENE, O MUNDO É MAIOR DO QUE EU PENSAVA.

JESSICA

NASCIMENTO

SALVE REGINA

RIZZI

NINA

HOJE QUANDO PASSAVA UM CREME NA MINHA PELE MANCHADA
 POR CAUSA DOS HORMÔNIOS DOS FILHOS QUE PERDI
 LEMBREI DE REGINA SEU NOME DE RAINHA SUA PELE QUE PARECIA
 SEMPRE HIDRATADA ELA HAVIA PERDIDO A MÃE E MORAVA NUMA FAZENDA
 VIZINHA À MINHA NEM SUA FAZENDA ERA DELA E NEM A MINHA ERAM NOSSAS
 DE VERDADE NOSSAS FAMÍLIAS CUIDAVAM PROS VERDADEIROS DONOS
 E ÉRAMOS AQUELA ESPÉCIE DE GENTE SERVA SEM SALÁRIO E NEM NADA
 QUE COME O QUE PLANTA E DORME NA TERRA VERMELHA PORQUE NÃO
 NÃO TEM UM COLCHÃO MOBÍLIA BOA SÓ LÁ NA CASA GRANDE
 ONDE AS MULHERES PODEM SÓ LIMPAR E JAMAIS SE SENTAR À MESA
 OU DORMIR NAQUELA CAMA MACIA MINHA MÃE ADOTOU REGINA
 QUE TINHA PAI E IRMÃOS BÊBADOS “PEGOU PARA CRIAR”
 COMO SE DIZ PORQUE NINGUÉM ALI TINHA DOCUMENTOS
 E PRA QUE DOCUMENTOS PRA ATESTAR A POBREZA?
 MINHA MÃE CUIDAVA DA CASA GRANDE DOS BICHOS PEQUENOS DA PEQUENA
 PLANTAÇÃO TAMBÉM FAZIA FAXINA NA CIDADE DE ONDE TRAZIA AS MINHAS
 ROUPAS EU AMAVA GANHAR ROUPAS DAS SUAS PATROAS BRANCAS QUE SEMPRE
 ERAM MUITO CHEIROSAS DE UM PERFUME QUE NUNCA SENTIA EM OUTRO LUGAR
 E TINHA ATÉ PENA DE LAVAR DEPOIS QUANDO ERAM MUITO GRANDES IAM PRA REGINA
 TRÊS ANOS MAIS VELHA QUE EU E BEM MAIS ALTA E BONITA TAMBÉM
 RARAMENTE MUITO RARAMENTE MINHA MÃE COMPRAVA TÊNIS
 ONTEM OUVI UMA MÚSICA “COMPREI UM BOOT TÃO BRANCO
 QUE CHAMEI DE ELENCO DA REDE GLOBO” ERAM TÊNIS ASSIM
 NÃO ERAM PRA MIM ERAM PRA REGINA E ME RESSENTI TANTO
 PENSANDO MINHA MÃE GOSTA MAIS DELA DO QUE DE MIM
 ME RESSENTI DE SEU NOME DE RAINHA E DO MEU FRUTO DO ESTUPRO
 MINHA MÃE MINHA MÃE NAQUELA ÉPOCA NÃO SABIA
 OU NÃO TINHA MUITO TEMPO PRA ME DAR AMOR E AO ME VER CHORANDO RESPONDEU
 UM DIA VOCÊ VAI ENTENDER
 E AÍ EU E REGINA FOMOS PRA CIDADE DESFILAR SEU BOOT NA PRACINHA
 ALGUNS CARAS DIZIAM AS DUAS SÃO MUITO FEIAS
 MAS PELO MENOS AQUELA NÃO É TÃO NEGUINHA
 A GENTE SE BEIJOU ESCONDIDA NA PISCINA DA CASA GRANDE AQUELA NOITE
 E MEU PAI ME BATEU MAS NÃO BATEU NA REGINA
 ELE A CHAMAVA DE REGININHA ELA NÃO GOSTAVA PORQUE ERA O NOME
 DE UMA ATRIZ PORNÔ BRANQUELA DEPOIS DE MADRUGADA PAPAI FOI NO MEU QUARTO
 PASSOU A MÃO NO MEU PEITINHO QUE NÃO ERA BEM UM PEITINHO
 DISSE QUE NÃO IA MAIS ME BATER E NÃO BATEU MESMO
 FICOU DOENTE E NÃO CONSEGUIA LEVANTAR MAIS NADA
 HOJE QUANDO PASSAVA UM CREME NA MINHA PELE MANCHADA
 POR CAUSA DOS HORMÔNIOS DOS FILHOS QUE PERDI
 LEMBREI QUE MINHA MÃE MINHA MÃE NAQUELA ÉPOCA NÃO SABIA
 OU NÃO TINHA MUITO TEMPO PRA ME DAR AMOR ELA TINHA RAZÃO
 UM DIA EU ENTENDI

MEMÓRIA COMO LUGAR DE ORIGEM

COMO SE NÃO FALTASSE AR,

RESPIRE.

AINDA EXISTE AR AQUI DENTRO E TAMBÉM NA SUPERFÍCIE.

FECHE OS OLHOS E VEJA O MAR NA SUA FRENTE:

MERGULHE NO MAR.

IMAGINE A DISTÂNCIA QUE ERA CORRER CONTRA O TEMPO, AVANÇO, AVANÇADA, EVOLUÍDA.

COMO SE DESSE PARA CORRER CONTRA O TEMPO.

COMO SE CENTRO FOSSE LUGAR PRIMEIRO. NÃO. LUGAR PRIMEIRO É O MAR, GENTE. A MARGEM, QUE É O COMEÇO E O FIM DE TUDO.

A BEIRA

O QUE TRANSBORDA.

MERGULHE DE NOVO.

É PRECISO VOLTAR NO TEMPO: MEMÓRIA:

PAISAGEM EM MOVIMENTO QUE CARREGA RESPINGOS DO QUE SEMPRE FOI ANCESTRALIDADE.

ANTES DE NASCER JÁ ERA E NÃO TINHA COMO SER DIFERENTE.

O AR QUE CORRE NO PULMÃO DE UMA PRETA É PROVA VIVA: TEIMOSIA.

E TODOS OS DETALHES DO QUE EXISTE: O SANGUE, A PELE, OS POROS, O SUOR, AS PALAVRAS TAMBÉM SÃO.

TEIMOSIA É ONDE COMEÇA A CONTINUAÇÃO DA HISTÓRIA, QUE SE NÃO FOSSE ELA, ANCESTRALIDADE SERIA QUALQUER COISA CONTADA EM PELE BRANCA, PASSADA EM BRANCO, EMBRANQUECIDA PARA SE COMEMORAR O INCOMEMORÁVEL:

ESPETACULARIZAÇÃO DO SOFRIMENTO DA VIDA PRETA.

E NUNCA SERIA RAIZ.

[RESPIRE]

TUDO COMEÇA NO BÊ - A - BÁ.

NA LÍNGUA MATERNA, QUE DE MATERNA SÓ TEM O NOME.

TUDO COMEÇA NO PÊ - A - PÁ

TRI. A.

COMO SE GENTE PRETA FOSSE SEMPRE OBJETO DE PESQUISA E SUJEITO DA EXPLORAÇÃO. E DE QUE VALEM OS VOTOS, AS VOZES, OS ACORDOS, A NOSSA PALAVRA?

PÁTRIA, COMO SEPARAÇÃO DA QUALIDADE DA GENTE, COMO SE SEMPRE FOSSE PRECISO MEDIR A MELHOR, A MAIS BONITA, A MAIS ADEQUADA, A COM MAIOR PASSABILIDADE.

MINHA AVÓ NÃO TINHA. MINHA MÃE E MINHA TIA TAMBÉM NÃO, NEM A OUTRA TINHA, NEM A OUTRA, NEM A OUTRA.

NÃO TÊM.

NÃO EXISTE GRAU DE SABEDORIA MAIOR QUE A ANCESTRALIDADE. E ISSO RESIDE NA ESCUTA, NA ESCOLHA DAS ERVAS PRA O BANHO, NO CHÁ, NA CRIATIVIDADE PRA SE MONTAR UM PRATO PRA JANTA COM O MÍNIMO.

QUE CRIANÇA PRETA DE BARRIGA CHEIA É FARTURA.

ANTES DO BÊ - A - BÁ ERA O OLHAR, A CARA FECHADA, A BRABEZA.

A BENDITA TEIMOSIA.

O CHORO.

QUE SE NÃO FOSSE HOJE, QUEM SABE A HISTÓRIA NÃO SERIA OUTRA. E AINDA ESTAMOS AQUI: FALANDO DO BÁSICO, DO BÁSICO, DO BÁSICO, QUE PRA GENTE SEMPRE FOI E SEMPRE SERÁ O PÃO NOSSO DE CADA DIA: O MODO COMO CONSTRUÍMOS MEMÓRIA.

AINDA EXISTE AR AÍ DENTRO?

[RESPIRE].

**MEMÓRIA
COMO LUGAR DE ORIGEM**

BIO

CAROL LUISA É POETA, ARTISTA VISUAL, GEMINIANA E FLAMENGUISTA. NASCIDA E CRIADA NO SUBÚRBIO DO RIO DE JANEIRO. ESCREVE DESDE QUE APRENDEU, E O PRIMEIRO POEMA VEIO AOS 11 ANOS. AOS 19 FOI PELA PRIMEIRA VEZ AO CEP 20000, O SARAU MAIS ANTIGO DA CIDADE, E NÃO PAROU MAIS. FOI NA ORALIDADE QUE SE PERCEBEU POETA. TEM POEMAS PUBLICADOS NOS CADERNOS DO CEP, NO SITE DA INICIATIVA MULHERES QUE ESCREVEM, E, COMO INTEGRANTE DA RESPEITA! - COALIZÃO DE MULHERES POETAS E ARTISTAS, NA PUBLICAÇÃO DE “SÃO NOSSAS AS NOTÍCIAS QUE DAREMOS”. EM 2020 LANÇOU SEU PRIMEIRO LIVRO, “SOBRE COMO ACENDER PAVIOS” (EDITORA URUTAU).

CAROL LUIZA

11



CRISTINA JUDAR É ESCRITORA E JORNALISTA. É AUTORA DO ROMANCE OITO DO SETE, GANHADOR DO PRÊMIO SÃO PAULO DE LITERATURA 2018 E FINALISTA DO PRÊMIO JABUTI DO MESMO ANO. ESCREVEU O LIVRO DE CONTOS ROTEIROS PARA UMA VIDA CURTA (MENÇÃO HONROSA NO PRÊMIO SESC DE LITERATURA 2014) E AS HQS LINA E VERMELHO, VIVO. SEU SEGUNDO ROMANCE, ELAS MARCHAVAM SOB O SOL, ESTÁ SENDO LANÇADO PELA EDITORA DUBLINENSE.

CRISTINA JUDAR

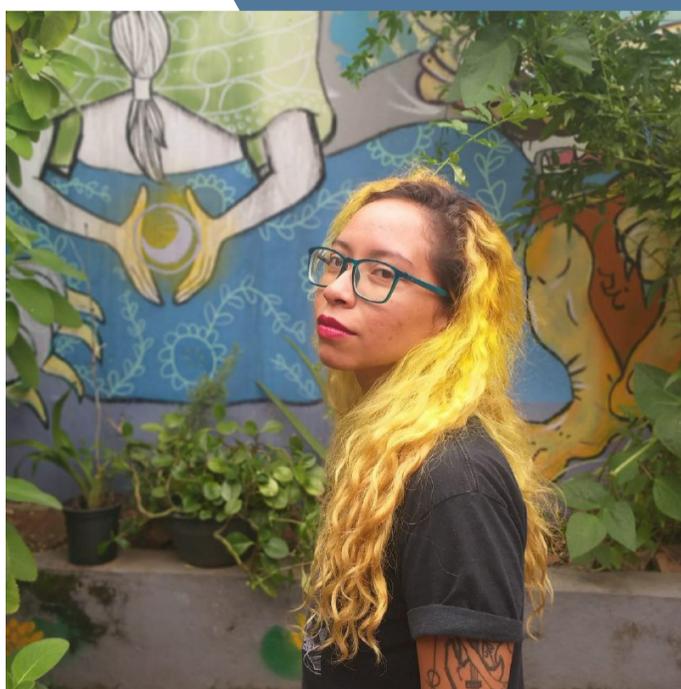
BIOS

12



DEBORA ARRUDA

ARANÃ, MESTRANDA EM ANTROPOLOGIA SOCIAL, ANTICOLONIAL. DÉBORA ARRUDA É POETA, PERFORMER, ATRIZ E PESQUISADORA DOS ESTUDOS DE PERFORMANCE. ATUALMENTE TEM TRABALHADO NA PUBLICAÇÃO DO SEU SEGUNDO LIVRO, VOLTAR PARA IR - WAT'U, E EM 2017 PUBLICOU O SEU PRIMEIRO LIVRO, CORAÇÃO DESPOVOADO. "... SE PARO UM MOMENTO, AINDA É MOVIMENTO."



JAMILLE ANAHATA

JAMILLE ANAHATA É MANAUARA, BISSEXUAL, POETA E PESQUISADORA DE RELAÇÕES RACIAIS E BRANQUITUDE. FAZ PARTE DO COLETIVO ARTÍSTICO-POÉTICO TERRACOTA (@TERRACOTACOLETIVO) E DO GT INDÍGENA DO TRIBUNAL POPULAR. POSSUI POEMAS NAS ANTOLOGIAS "POESIA INDÍGENA HOJE" E "CHÃO VERMELHO". ACREDITA NO PODER RADICAL DA SENSIBILIDADE E DOS AFETOS.

BIOS

É MESTRANDA EM HISTÓRIA SOCIAL, BACHAREL EM COMUNICAÇÃO DAS ARTES DO CORPO, E ATRIZ FORMADA PELA ESCOLA DE ARTES DRAMÁTICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (EAD-USP). ATUALMENTE TRABALHA EM PROGRAMAS PÚBLICOS DE FORMAÇÃO ARTÍSTICA NA CIDADE DE SÃO PAULO. É ATRIZ CONVIDADA NO COLETIVO CARÇA DE POÉTICAS NEGRAS, CIA DE TEATRO QUE DESENVOLVE PESQUISA SOBRE O CORPO NEGRO NO CONTEXTO URBANO. FOI INTEGRANTE DA CIA LÚDICOS DE TEATRO POPULAR ENTRE 2013 E 2020. TAMBÉM É CO-FUNDADORA DA LIRUÊ CIA DE HISTÓRIAS, GRUPO QUE DESDE 2015 DESENVOLVE TRABALHOS PEDAGÓGICOS RELACIONADOS À VIABILIDADE PRÁTICA DA LEI 10.639. TEM CONHECIMENTOS COMO ATUADORA DO TEATRO DE BONECOS E OBJETOS. ESCREVE DRAMATURGIAS, CONTOS, CRÔNICAS E POESIAS, PUBLICOU TEXTOS NA ANTOLOGIA CADERNOS NEGROS 42, E NO LIVRO ESCRITAS FEMININAS EM PRIMEIRA PESSOA, TRABALHOS QUE PROPORCIONAM VISIBILIDADE PARA A LITERATURA NEGRA NO BRASIL. JÉSSICA NASCIMENTO SE POSICIONA FORTEMENTE EM DEFESA DO ENSINO PÚBLICO, GRATUITO, É UMA ATUADORA DAS ARTES NEGRAS, E MILITA PELA ARTE SOCIALMENTE REFERENCIADA.

JÉSSICA NASCIMENTO



13



KIKA SENA

KIKA SENA É ARTE-EDUCADORA, DIRETORA TEATRAL, ATRIZ, POETA E PERFORMER RESIDENTE EM RIO BRANCO, ACRE. LICENCIADA EM ARTES CÊNICAS PELA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB) E EX-ESTUDANTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DO DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS DA UNB, KIKA SENA É PESQUISADORA NAS ÁREAS DE GÊNERO, SEXUALIDADE, RAÇA E CLASSE. A PARTIR DE 2015, VEM DESENVOLVENDO PESQUISAS RELACIONADAS À ÁREA DE VOZ E PALAVRA EM PERFORMANCE COM CUNHO POLÍTICO REFERENTE AO CORPO DA MULHER TRANS E TRAVESTI NA CENA TEATRAL E SOCIAL. EM 2017 LANÇOU O LIVRO PERIFÉRICA, PELA PADÊ EDITORIAL, ANTECEDIDO POR MARÍTIMA, 2016, PUBLICAÇÃO INDEPENDENTE. SUA PUBLICAÇÃO MAIS RECENTE, TAMBÉM DE FORMA INDEPENDENTE, É A ZINE SUBTERRÂNEA, DE 2019. TAMBÉM EM 2019 DIRIGIU O ESPETÁCULO TRANSMITOLOGIA (DF). JÁ EM 2020, EM PARCERIA COM ASAGUADEIRAS, DIRIGIU O ESPETÁCULO “DESQUITE”(AC). ATUALMENTE INTEGRA A COLETIVA TEATRAL ES TETETAS, COM SEDE LOCALIZADA EM RIO BRANCO, NO ACRE.

B10S

NINA RIZZI É ESCRITORA, TRADUTORA, PESQUISADORA, PROFESSORA E EDITORA; PROMOVE O “ESCREVA COMO UMA MULHER”: LABORATÓRIO DE ESCRITA CRIATIVA COM MULHERES. AUTORA DE TAMBORES PRA N’ZINGA, A DURAÇÃO DO DESERTO, GEOGRAFIA DOS OSSOS, QUANDO VIERES VER UM BANZO COR DE FOGO E SEREIA NO COPO D’ÁGUA. VIVE EM FORTALEZA, NO CEARÁ, ONDE INTEGRA AS COLETIVAS PRETARAU - SARAU DAS PRETAS E SARAU DA B1.



NINA RIZZI